

## A GRAVURA COMO ARTE

Paulo Cheida SANS  
Professor no Instituto de Artes ,  
Comunicações e Turismo/ PUC-Campinas. Mestre em  
Filosofia da Educação e Artista Plástico

### **RESUMO**

*A preocupação básica deste estudo é situar o que vem a ser gravura original, mostrando a ética que exige sua produção. Trata-se de apontar sinais que revelem o pensamento a respeito da gravura autêntica que, cada vez mais, está sendo confundida com outros processos de reprodução.*

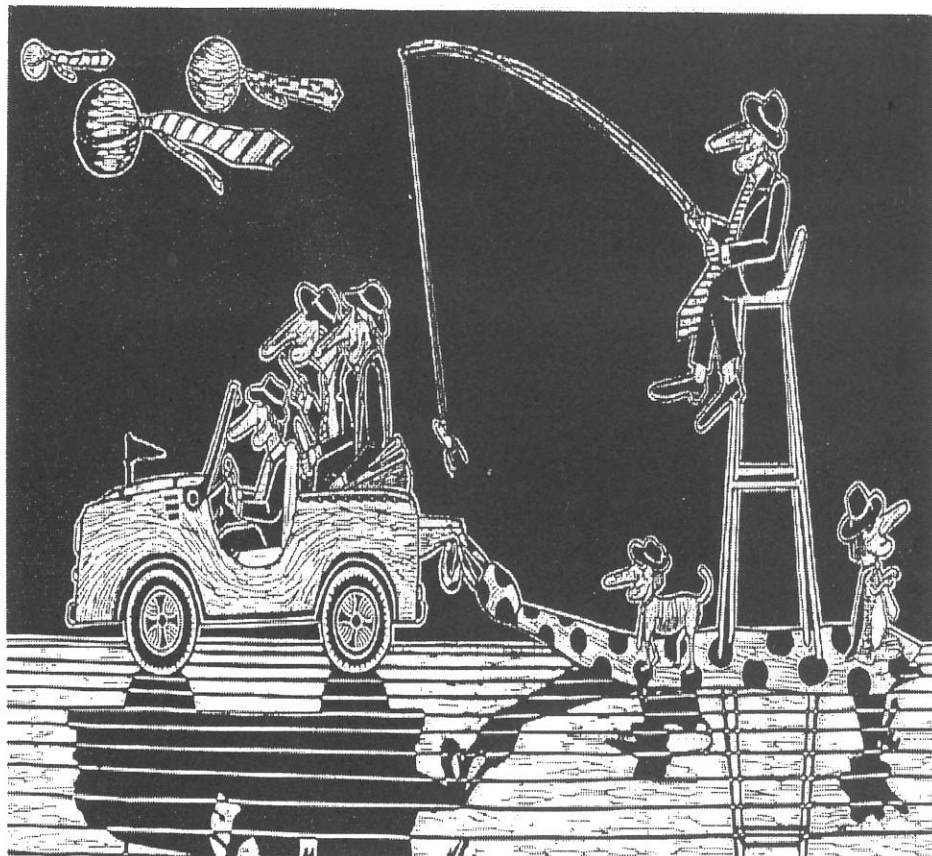
*Palavras-chave: Arte. Gravura. Crítica.*

### **ABSTRACT**

*The basic concern of this paper is to situate what is the original picture, providing the ethics which demands its production. It also offers signs which reveal the thought about the authentic picture which has been confused with other reproduction processes.*

*Key-words: Art. Picture. Criticism.*

A Gravura como arte



**Paulo Cheida Sans - *Os caçadores***  
(gravura em linóleo)

**G**ravar é marcar, fazer incisões sobre qualquer material. No sentido artístico, a palavra pode ser entendida como o ato de se preparar uma matriz com desenhos a fim de ser reproduzida, imprimindo cópias sobre o papel.

Gravura original é o nome que se dá a cada exemplar, ou seja, é cada cópia resultante de uma matriz gravada de autoria do artista e produzida por este. Tiragem ou edição é a quantidade de cópias originais estipuladas pelo artista.

Gravura de reprodução é a cópia resultante da matriz, cuja imagem não é de autoria do gravador. Em outros tempos, a gravura servia para divulgar obras de artistas famosos. As gravuras, quase sempre, eram monocromáticas.

Com o passar dos anos, o gravador deixou de ser anônimo; passou a usar a gravura como recurso criativo. A individualidade do artista gravador foi imperando; o artista sentiu, cada vez mais, a necessidade de colocar o seu registro na matriz para identificar sua autoria. Posteriormente, passou a assinar e a numerar cada exemplar da gravura.

A estampa de uma obra já existente, impressa por reprodução fotomecânica, não é gravura original. Caso um artista tenha uma pintura reproduzida por meios fotomecânicos, as cópias, se assinadas posteriormente, terão validade como meros autógrafos, mas a assinatura não valida a estampa como gravura original.

A gravura, para ser considerada como tal, deve ser feita com esse propósito. As características de cada processo, os efeitos de cada incisão, fazem dela um meio peculiar inigualável, não podendo ser substituída por outras técnicas das artes plásticas, nem por processos fotomecânicos.

São três as fases do trabalho do gravador. Primeiro, confecciona-se a matriz, gravando a imagem. A seguir, acontece a tintagem da matriz, quando o gravador distribui as tintas e escolhe as cores. Por último, é feita a impressão dessa matriz entintada, passando a sua imagem para o papel.

A matriz é o suporte no qual o artista trabalha, transpondo suas idéias criativas. Da matriz poderá ser realizada uma ou mais cópias. Quando se tratar de uma cópia, chama-se monotipia.

Quase sempre a monotipia é feita pintando-se a imagem numa placa de vidro ou material rígido, sobre a qual se pressiona o papel por cima da tinta úmida. A imagem do vidro é transportada para o papel. Após a primeira cópia, o restante da tinta que fica no suporte não é suficiente para se tirar outra cópia com a mesma qualidade. Essa técnica é pouco escolhida pelos artistas.

## A Gravura como arte

Quando se tratar de mais cópias, a denominação é dada conforme o material e a característica correspondente ao procedimento técnico de feitura de cada matriz, tintagem e impressão.

Sinteticamente, a gravura reconhecida como artística pode ser: gravura em relevo, aquela cuja parte em relevo da matriz (madeira, linóleo, etc.) cavada corresponde à imagem entintada e impressa no papel; gravura em côncavo ou calcográfica, conhecida como gravura em metal, aquela cuja imagem entintada e impressa no papel provém dos sulcos gravados na matriz (cobre, zinco, etc.), sendo, portanto, o inverso da gravura em relevo; litografia é a imagem impressa no papel resultante da pintura feita em pedra calcária, ou placa de zinco, que vem sendo usada mais recentemente. A matriz não tem saliência. O desenho ou pintura é feito por lápis ou tinta, ambos gordurosos, aplicados a pincel ou a caneta. Para a entintagem, a pedra é molhada com água. A tinta gordurosa não absorve a água, ficando esta, então, acumulada nas regiões sem tinta. Novamente a tinta é aplicada, agora com uso do rolo. Onde havia tinta, esta é aceita novamente. Nas partes onde havia água, a tinta é repelida. Ao imprimir, a matriz (somente a parte entintada) é estampada no papel. A parte com água preserva a cor do papel. A impressão se dá em prensa litográfica; serigrafia tem geralmente a matriz feita em uma tela de seda, sendo a impressão por permeação, isto é, a tinta atravessa a matriz, sendo pressionada por um rodo próprio para esse fim, fixando-se no papel ou outro suporte.

A gravura, para ser original, deve ser atestada pelo artista. O gravador escreve a lápis, abaixo da imagem impressa, no mesmo papel da obra, da esquerda para a direita, a técnica, a numeração do exemplar e o total da série (assunto que veremos a seguir), a assinatura e o ano de execução.

As inscrições são feitas a lápis porque o grafite sobrevive longo tempo, mesmo que o papel precise ser clareado e tratado com agentes químicos para ser conservado.

Alguns gravadores, com receio de possíveis fraudes, além das inscrições a lápis na parte frontal, assinam com caneta e colocam o seu carimbo no verso da gravura.

Cabe ao autor estipular o número de exemplares da tiragem e o tipo de cópia a que se destina. Existem nomenclaturas usuais conhecidas no mundo todo que qualificam e auxiliam a situar o valor da gravura, sobretudo no mercado de arte. Trata-se da identificação e numeração de cada exemplar.

Ao trabalhar a matriz, o artista sente necessidade de saber se o resultado até aquele instante está satisfatório. Para isso, imprime uma cópia. Se esta não o

agradar, continua a trabalhar a matriz. Essa cópia chama-se prova de estado e o artista, se quiser assiná-la, deverá colocar a sigla PE (Prova de Estado).

As provas de estado são um meio de o gravador saber se o que está fazendo até o momento está de acordo com o que quer realizar. Conforme a técnica usada na confecção da matriz, é muito difícil prover com exatidão o seu efeito depois de impressa, sem tirar essas cópias.

Por isso, principalmente quando o artista é rigoroso quanto à qualidade de seu próprio trabalho, faz várias provas de estado na qualidade de que necessitar, até que aprove o resultado final da matriz. Ao imprimir uma cópia que corresponda às suas necessidades, não precisa alterar mais o trabalho na matriz. Essa primeira cópia aprovada chama-se prova do artista e é identificada como PA (Prova do Artista).

As provas do artista são numeradas de I, II em diante, desde que não ultrapassem a quantia de 10% do total da tiragem. Pode-se numerar o total das provas do artista para dar informações mais exatas. Como exemplo: na primeira cópia de um total de cinco gravuras deverá constar: PA I/V. Entende-se que o primeiro número corresponde à cópia propriamente e o segundo, a todas as cópias PAs.

As cópias-prova do artista não são computadas ao total da tiragem, ficando em propriedade deste, evitando-se colocá-las no mercado. Na nossa opinião, bastaria apenas uma prova do artista para o autor guardar em seu acervo, ficando o restante das cópias incorporadas à quantidade da tiragem da gravura.

As escolhas da cor são chamadas provas de cor. São as provas de cores isoladas ou variadas que servem para o artista decidir qual ou quais cores serão usadas na edição. Na cópia deve constar, por exemplo, 1 prova de cor A, 1 prova de cor B, 1 prova de cor A+B e assim por diante.

Para fazer a tiragem, o gravador estipula uma quantidade final e imprime as cópias, aos poucos, conforme for necessitando de outras mais. Também é costume tirar várias cópias e depois numerá-las, dando como encerrada a edição. O autor assina e numera cada cópia, excluindo aquelas que, por algum motivo, não estão a contento. É importante que as cópias da mesma tiragem sejam o mais semelhante possível entre si.

A numeração acontece sem siglas, colocando-se o primeiro número de modo que corresponda ao próprio exemplar e o segundo, ao total da edição. Entre os números, coloca-se um traço ou barra.

Outros tipos de provas podem acontecer, dependendo da finalidade. No caso de o gravador determinar ao impressor que execute a tiragem, existe a

A Gravura como arte

prova *bon à tirer*, sem finalidade de comércio. Esta servirá como prova modelo para que o impressor faça as cópias da edição, procurando manter a mesma qualidade desta.

É correto que nas cópias impressas pelo impressor conste a sua assinatura, mencionando a sua participação, o que será feito com as letras IMP, abreviatura de “impressit”, que quer dizer “imprimiu”, em latim. Se for usado um papel artesanal, nele deve constar também a assinatura de quem o produziu.

Há, também, a prova do impressor que é conhecida como PI. Geralmente, quando o impressor faz a tiragem para o gravador, ele fica com uma cópia como lembrança, comprovando o seu trabalho.

Existem os exemplares *Hors Commerce* que, em francês, significa “fora do comércio”. São reconhecidos pelas letras HC. Essa sigla é impressa nos exemplares para serem presenteados sem o intuito de venda. Comumente são numerados em algarismo romano.

O número total de cópias originais de uma edição não deve ser exagerado. O valor monetário de cada gravura está ligado à quantidade de sua tiragem. Quanto menos cópias tiver a edição, maior será o valor de cada exemplar. Por exemplo: ao se compararem duas gravuras diferentes com qualidades estéticas equivalentes de um mesmo autor, a que for de tiragem menor custará mais.

Como sugestão, a quantidade máxima da edição deve oscilar em torno de sessenta cópias. No caso de haver um número maior que esse, o que ocorre geralmente com gravuras cuja impressão não foi feita pelas mãos de seus autores e, sim, pelos impressores, o valor dos exemplares decai muito.

Não é difícil presumir que, em muitos casos, a excessiva tiragem deturpa a real validade dessa forma de arte, vulgarizando-a. A gravura não pode e nem deve ser comparada às produções em massa, nem pelos artistas e nem pelo público, pois perderia a sua “aura” artística.

### **A ética do gravador**

A gravura exige que os artistas sejam conscienciosos e responsáveis. Essa postura é, de fato, imprescindível para que a gravura seja considerada arte. Existem alguns princípios que comumente regem a ética do gravador.

---

---

“A excessiva tiragem deturpa a real validade dessa forma de arte, vulgarizando-a.”

---

---

Segundo Anico Herskovits, há “várias etapas entre a execução da matriz e sua edição, por isso, no terreno da gravura, a fronteira entre o falso e o verdadeiro é muito tênue”.(1986,79).

O artista, ao conceber uma gravura, deve executá-la com tal intuito, devendo criar e executar a matriz. Se possível, ele próprio deve fazer a impressão da matriz, ou, quando muito, orientar o impressor ou algum ajudante para isso.

Todo exemplar deve ser assinado pelo gravador, seu autor, contendo o número da cópia original e o total da série. Após estar concluída a edição, a matriz deve ser danificada para que não seja mais usada. Assim, fica preservada fielmente a quantidade de estampas originais existentes, estipuladas e assinadas pelo autor.

O gravador deve, portanto, controlar o destino de suas gravuras, tendo anotado consigo o número e com quem está cada exemplar de cada gravura. Por meio de fichas ou de disquetes de computador, esse controle é possível de existir.

Como cada exemplar da gravura, por ser múltiplo original, é mais barato do que obra única de uma pintura ou de outras modalidades artísticas, alguns artistas confundem a sua importância e a fazem apenas com o objetivo de usar a vantagem de reproduzir a matriz, a fim de obter lucro e espalhá-la rapidamente no circuito comercial. Geralmente, esse artistas não conhecem as técnicas e não sabem corretamente como se faz uma gravura. Levam os seus projetos para que habilidosos os copiem, executando a matriz e a sua impressão. Depois, apenas numeram as gravuras e assinam cada estampa, colocando-as à venda.

Essa é uma das principais causas da desvalorização dessa forma de arte, pois são os próprios artistas que fazem mau uso dela. Muitos *marchands*, galeristas e casas de molduras colaboram com isso, estimulando a venda das estampas, até mesmo abaixo do custo das reproduções feitas em gráficas. Isso confunde o mercado de arte. O colecionador, o apreciador, enfim o espectador, em geral, não percebe que não se trata de gravuras de primeiro nível, pois seus autores não são autênticos gravadores.

Claro que um pintor pode fazer gravura e um escultor também. O artista tem o direito de escolher a técnica que lhe for mais conveniente no momento em que se expressa artisticamente.

Não pretendemos colocar a gravura como sendo exclusividade somente dos gravadores. Ela é um segmento artístico para cuja realização exige-se do artista que seja um misto de desenhista, pintor e escultor. O artista precisa ter um domínio criativo e técnico que muitas outras modalidades de arte não exigem.

A Gravura como arte

Talvez por essa razão é que vários artistas não a praticam, procurando outros para transformarem em gravuras seus desenhos e projetos.

Nunca é demais repetir que o gravador autêntico é aquele que cria, faz a matriz, executa ou supervisiona a impressão e a tiragem. Entretanto, há muitos gravadores autênticos que fazem a impressão de seu trabalho, não deixando que outros os ajudem.

Todo gravador sabe que, no momento da impressão, podem-se corrigir possíveis falhas que ocorreram na execução da matriz, pondo um pouco mais de tinta ou pressionando menos determinada parte do trabalho. A própria fase de entintar e imprimir tem seus segredos e, evidentemente, quando essa fase é feita pelo autor, isso o coloca em vantagem sobre qualquer outro impressor habilitado.

O artista é soberano no seu trabalho. Cabe somente a ele deixar ou não transparecer a sua conduta como gravador. Ele escolhe os efeitos, as cores, a edição. Em suma, se a sua postura for ética, a gravura jamais será considerada arte “menor”.

### **Considerações finais**

A gravura é vítima fácil de objetivos mesquinhos. Muitos artistas abusam da sua característica de gerar múltiplas obras e a desqualificam. Geralmente, não fazem a matriz, nem a impressão. Deixam esses serviços a terceiros. Como consequência, nasce a gravura estritamente decorativa sem o sopro espiritual do seu autor.

Contudo, é pertinente registrar que o ato de gravar foi tendo conotações diferentes através dos tempos. Virou artístico na medida em que autênticos artistas optaram por seu uso para se expressarem.

O resultado da gravura é insubstituível. Nenhum outro meio oferece possibilidades semelhantes. Por isso, compensa ao artista o dispendioso trabalho para fazê-la. Não é por causa de sua condição de se fazerem múltiplos originais que fascinam o gravador, mas porque outro meio não traria o mesmo resultado.

Para o autêntico gravador, entintar a matriz e imprimi-la para fazer a tiragem não é um mero trabalho repetitivo, assim como o cantor que canta a mesma música em vários shows. Cada vez que isso acontece, conhece-a melhor. Percebe novas nuances de seu conteúdo e interpretação. Canta com a alma, entrega-se por inteiro naquele momento.

O teatro também pode servir de exemplo. Quantas vezes ouvimos os atores dizerem que conhecem e encenam melhor a peça depois que ela está há

alguns meses em cartaz! Não é diferente com a gravura. A cada entintagem e impressão o gravador se entrega, dá a cada exemplar o sopro espiritual de sua existência.

O serviço de tiragem para o autêntico artista-gravador não é mecânico, não é robotizado como muitos supõem. Fazer, sentir, ver, entrar em contato com a sua criação é um momento especial de auto-conhecimento.

Enquanto existirem artistas que façam da gravura o seu meio fundamental de expressão, ela existirá artisticamente. Não é “menor” ou “maior” do que outras artes, mas é um meio que não serve para principiantes, devido à difícil e morosa técnica que lhe é peculiar. Não serve também para pseudo-gravadores que apenas a utilizam como mero reproduzidor de imagens. Seu uso é adequado a artistas talentosos, responsáveis, éticos, que são incapazes de fazer fraudes na tiragem.

---

“Fazer, sentir, ver, entrar em contato com a sua criação é um momento especial de auto-conhecimento”.

---

Seria mais condizente para a própria manutenção da gravura como arte que “todo” gravador tivesse, como princípio ético, fazer a matriz, a entintagem e a tiragem com as suas próprias mãos.

Evitaria, assim, que a gravura fosse explorada erroneamente com objetivo único de “comércio”.

O artista, ao escolher realizar sua obra em gravura, mostra ter uma sensibilidade refinada. Os variados processos de gravura são especiais e não devem ser simplesmente imitados com outros materiais de pintura e desenho.

No sentido conteudístico, a gravura é uma fonte de recursos como qualquer outro processo das artes visuais. A temática, as cores, a composição, as formas, tudo que envolve a criação nas artes plásticas faz parte da universalidade da arte, podendo ser manifestada por meio de qualquer modalidade, pois as suas qualidades dependem exclusivamente do talento do artista.

Em verdade, a obra artística pode ser feita por qualquer processo, não estando uma determinada modalidade em superioridade à outra. A gravura, a pintura, o computador, assim como tantas outras possibilidades e recursos materiais oferecem inúmeras condições para que o artista produza uma obra artística.

Encerrando o presente estudo, nunca é demais recordar que a arte de nosso tempo, como descreve o crítico Herbert Read, atende à “necessidade interna” do artista. Esta “corresponde a uma necessidade externa, que é simplesmente a de comunicar-se com outras pessoas com a máxima intensidade; e a arte é a reconciliação dessas duas necessidades”. (1981).

A Gravura como arte

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAMBERLAIN, Walter. **Manual de grabado en madera y técnicas afines**. Madri: Hermann Blume, 1988.
- COSTELLA, Antonio. **Introdução à gravura e história da xilografia**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.
- COSTELLA, Antonio. **Xilogravura - manual prático**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1987.
- DASILVA, Orlando. **A arte maior da gravura**. São Paulo: Espade, 1976.
- SANS, Paulo de Tarso Cheida (org.). **Gravura - contexto atual**. Campinas: Arte Ed. Campinas, 1989.
- DAWSON, John (coord.). **Guia completa de grabado e impresion**. Madri: H. Blume Ediciones, 1982.
- HERSKOVITS, Anico. **Xilogravura - arte e técnica**. Porto Alegre: Tchê!, 1986.
- LEITE, José Roberto Teixeira. **A gravura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1966.
- MARTINS, Itajahy. **Gravura - arte e técnica**. São Paulo: Laserprinter e Fundação Nestlé de Cultura, 1987.
- READ, Herbert. **A arte de agora, agora**. São Paulo: Perspectiva, 1981.